

7pilões7

—editora—
#digitalcrafts

SU
TA
QUE
NA
RI
MA

HAMILTON BRITTO

SUTAQUE NA RIMA

Melodia das Quebradas

HAMILTON BRITTO

SUTAQUE NA RIMA

Melodia das Quebradas

2021

7pilões7
editora
#digitalcrafts

Sutaque na rima – melodia das quebradas
Hamilton Britto

Prefácio

Edmar Silva

Capa

Helenna Castro

Mateus Britto

Foto da capa

Hamilton Britto

Diagramação e revisão

Mateus Britto

BRITTO, Hamilton Santos. Sutaque na rima – melodia das
quebradas. 1. ed. Jacobina: Pilões Editora, 2021.

Pilões Editora

piloeseditora@gmail.com

Jacobina-BA

2021

“Segura menino no balanço do ganzá
É coco nordestino que eu vou apresentar.”

Da Paz, Antonio Firmino e Xoxo apud Rojão, Tororó. Segura Menino, RN
DISCOS, São Paulo (LPRN 010)

Em memória do camarada Iuri Ramos,
contemporâneo de batalhas, literatura e sonhos.
Presentemente, e sempre.

Na imensidão do vazio, na ausência de Edmilson Carvalho,
professor, arquiteto, economista e teórico da revolução operária.

PREFÁCIO 10

CAMARADA IURI 12

SUTAQUE BAIANO 14

MARTELO DE FOGO AGALOPADO 18

CHULA PRA DÃO 22

A PELEJA REPORTADA – Cego Aderaldo vence Zé Pretinho
do Tucum 25

PROCEDER 29

ENFRENTAR FANTASMAS 31

O JONGO DO PALÍNDROMO AO COCO COA 32

ORAÇÃO PRA TIRAR DE TEMPO 34

CERTEZA DE ESTAR CERTO 36

BAIÃO DA PROXIMIDADE (Juntim de Mim, Pertim de Mim)

38

RAP PÉ DE SELVA 41

AUDITÓRIO 43

FAZ FAVOR FERDINANDA 44

FILOSOFIA DA MARRETA 45

COSSA DE COICE 47

OS ARAÚJOS 49

NO BAR DE VADO 51

GUIZO DE FEDEGOZO 53

COCO DE MARTELO 55

18 CANGAIAS 57

NO CHÃO BATIDO DAQUELA COZINHA 59

COCO DO EJA 61

SAMBA DO ALICATE 62

NUM TE QUERO MAIS 63

BICO DOCE 66

BELEZA MANO VEGANO	67
UM BREGA INACABADO	68
MEU TIME, MINHA QUEBRADA	69
CIRANDA DOS MACONHEIROS	72
O TREM DA GROTA EMBORCOU	74
NA GINGA DE ABDIAS	77
CANÇÃO DA SAUDADE	79
PERDEU MALANDRO	81
SIRIMBÓ DA QUEDA	85
TACITURNO	87
MORTE POR MORTE VINGADA	88
A CABOCA E O PEIXE	90
NÃO POSSO VIVER DE ARTE	92
SOBRE O AUTOR	94

PREFÁCIO

FOGO

Às vezes, tudo que desejamos na vida é ser entendido, ter algo que nos represente, sem aqueles clichês de estrutura de linguagem, que nos leva a nenhuma compreensão e que nos deixa no vazio, fazendo o texto ser morto.

Às vezes, sentimos falta de algo mais popular, que nos identifique; algo nosso dentro da tal literatura e da poesia, porque ela não precisa ser culta a todo o momento, nem fazer a nossa cabeça dar nó, porque nem todos tem um nível intelectual acadêmico e muitos aprenderam e aprendem ler e escrever em situação precária, adquirindo o básico do básico para a sobrevivência. E a poesia do Hamilton nos presenteia e nos leva para dentro de nós mesmos com o linguajar das ruas, das praças, das padarias, dos roçados, da caatinga, da favela, dos botecos, do transporte público, algo simples, direto e de fácil entendimento sem perder o lado culto. O poeta vem do povo e escreve para um povo que precisa que a sua linguagem e forma de viver sejam respeitadas.

Amores, desejos, política, receitas, toques, retoques, ironias, um brinde à vida, essa é a tônica desse ótimo livro, que foi parido e criado para o mundo de cada um.

Edmar Silva

CAMARADA IURI

Irão ficar lembranças

Esperanças

Solidão

Na caminhada

Dos que acreditam

Em revolução

Ficará a sua falta

O seu rosto

O seu posto

O seu gosto

Sua emoção

Velho companheiro

Das lutas pelo novo

Pela classe

Pelo povo

Lá se foi um lutador

Radical, conseqüente

Marxista

Revolucionário

Resistente

Meu amigo

Camarada dos Círculos combativos

Tuas ideias

Teus ideais

Teus sonhos

Em mim

Continuam vivos

SUTAQUE BAIANO

Na regra gramatical

A desinência modo temporal

Indica que no verbo o tempo com o modo tem que estar combinando

O gerúndio indica uma ação que vai prolongando

Termina em n-d-o

Mas pra quê o D?

Da minha janela eu vou perguntano

Encurtamos a palavra engolimos o D

Por isso que em SP

Costumam dizer

Que todo baiano

Fala cantando.

Janela abrino

A vista vai longe

Horizonte sumino

Nela pensano

Fumaça subino

Veno ela

Da minha janela
Nel'eu pensano
Veno dois mundos
Na grotá tá garoano
Pros lados do sertão
Nem siná de chuva formano
Telefone toca
Mainha chamano
Me lembra que essa sumana
Eu troco de ano
Desde quano nasci
Eu sigo lembrano
Bem na procissão
Binidito lovano
Surgiu contração
As dô aumentano
Cadê seu Wilso ?
Povo perguntano
Chegou pôs no carro
E pro isprítá foro ela levano
De madrugada
Chutei avisano

Isquenta tambô
Que eu tô chegano
A bolsa rompeu
Minino chorano
Dei um soluço
Inguli o D
Fui pra casa cantano
O tempo passou
O mundo rodano
Fui pras Quebradas
Gíria dos mano
Dichavano a letra
As ideia eu ia trocano
Os truta já reparavam
Que cerol daora
sutaque baiano.

Na regra gramatical
A desinência modo temporal
Indica que no verbo o tempo com o modo tem que estar
combinando
O gerúndio indica uma ação que vai prolongando

Termina em n-d-o
Mas pra quê o D?
Da minha janela eu vou perguntano
Encurtamos a palavra engolimos o D
Por isso que em SP
Costumam dizer
Que todo baiano
Fala cantano.

MARTELO DE FOGO AGALOPADO

Escundido no munturo
Taxado na covardia
Pela luz que alumia
O verso não fica no escuro
Passa por cima do muro
Continua a ser cantado
Não deixa ser apagado
Com ou sem alarde
A chama sempre arde
É martelo de fogo agalopado

Um fogo não destrói
O que tem dentro do peito
Assanhando o sujeito
Naquilo que o corrói
Labareda que não dói
Mas que deixa o cinzaréu
Tomando conta do céu
Que logo fica nublado
Tornano o tempo fechado

Toma conta o nivueiro
Vale mais que teu dinheiro
Meu martelo de fogo agalopado

O dinheiro compra casa
Pode escolher a merenda
Garantindo fama e renda
Sensação de que arrasa
Mas a lenha vira brasa
Da cadeia ser livrado
Ser juiz ou delegado
Mandar prender e soltar
Se não puder labutar
No martelo de fogo agalopado

Pra se livrar da prisão
Pode tentar outro embargo
Ganhar um outro cargo
Mediante comissão
Mesmo alegando comunhão
Difícil ser liberado
Pelo fogo ateadado

Terá que responder
Quando tudo acender
No martelo de fogo agalopado

A pira sempre acesa
Consome inteiro pavio
Traga água de navio
Trafegado em alto mar
A lagoa vai secar
Deixano tudo rachado
De tanto ter esquentado
Tano seco o açude
Não vai ter quem te ajude
No martelo de fogo agalopado

Começano de fáiça
Logo tudo se clareia
O combustível incendeia
Quem tá perto se arrisca
Quando o fogo trisca
Deixa tudo queimado
Destruído, devastado

Exalando o bafo quente
Este é o comburente
Do martelo de fogo agalopado

CHULA PRA DÃO

Cumpade Dão

Teve um passamento

Foi achado quase morto

Dentro do apartamento

Um susto no povo todo

Choraro seu padecimento

Acharo que ele ia morrer

Mas aquele não era o momento

Foi um grande alvoroço

Todo mundo quereno saber

Fizero exames no moço

Mas num subero dizer

Recomendaro repouso

Ficar numa sombra, num se aborrecer

Carece de muito cuidado

Se quiser continuar a viver.

Pra voltar a dançar piega
Beber cachaça
E cantar chula
Vai ter que tomar os remédio
Atender a receita chamada de bula
Ô diola, diola, diola, diolá
Melhor que morrer cheiroso
É mesmo todo melado, ficar vivo, escapar
Cantadô que tem o respeito
Dão no samba faz abrilhantar
A gente aqui vai bateno uma chula
Na intenção dele amelhorà

Oi lá vai
Lá vai, lá vai, lá vai
O morão é de pau de fuso
Tem cerne forte, não cai
Oi lá é vem
Lá é vem, lá é vem, lá é vem
Ele passou um mau bucado
Mais agora está tudo bem
Lá é vem, lá é vem, lá é vem

Oi lá vem Dão
Pega cuia e entra no samba
Pra mostrar que já tá são
Desimbestou a dançar piega
Ninguém sabe a hora que para mais não

A PELEJA REPORTADA – Cego Aderaldo vence Zé
Pretinho do Tucum

É um dedo, é um dado, é um dia
É um dia, é um dedo é um dado
No dia marquei a hora
No dedo butei anel
No dado joguei a sorte
Saí da briga sem corte
Estou de corpo fechado
De tanto o povo atçar
O encontro foi marcado
É um dado, é um dedo é um dia
É um dia; é um dedo, é um dado
O que conto foi verdade
Nada aqui foi inventado
O Crato inda lembra
Foi um dia memorado
Mas num sei se foi na Praça
Ou na porta do mercado
Tem gente que noticia
Foi na porta da igreja

No pé da escadaria
Ao redor tava lotado
Uma grande euforia
O coliseu tava formado
Assim o povo dizia
Um negro com a viola de lado
Um cego com rabeça e sem guia
Na busca de uns trocado
Duelaram na porfia
É um dia, é um dedo é um dado
É um dado, é um dedo, é um dia
No dado joguei a sorte
No dedo butei anel
No dia marquei a hora
Para quem me desafia
Poder tomar uma surra
De rabeça e poesia
É um dia, é um dedo é um dado
É um dado, é um dedo, é um dia
Se medrou saía correndo
Pique a mula avexado
Se topar me enfrentar

Vai sair envergonhado
Seu cantar é meia boca
E o repente e meu roçado
É um dado, é um dedo, é um dia
É um dia, é um dedo é um dado
Se eu fosse Zé Pretinho
Aderaldo não venceria
Não tinha me apertado
Ele quem gaguejaria
Não sairia empolgado
Arrotando valentia
É um dia, é um dedo é um dado
É um dado, é um dedo, é um dia
Mas Zé Pretinho cochilou
Aderaldo entrou afiado
Zé pensou tá por cima
Descambou acidentado
Aderaldo fez trava língua
E não foi acompanhado
Se tornando naquele dia
O cego mais afamado
Seu feito na cantoria

Até hoje é aclamado

É um dado, é um dedo, é um dia

É um dia, é um dedo é um dado

PROCEDER

Acontece ali
No espaço acima da mente
A sã consciência
Viaja no espaço
Que na física
Delimita a ciência
Está na vida
No modo de ser
Na existência.
Fugiu de onde
Você não quis ir
Represando
A sua desistência.

Quem você é?
Quem é você?
Qual sua classe?
Qual sua cor?
Tem que saber
É explorado

Ou explorador?

Só não desista

De explicar

Seu proceder

Nessa batalha

Qual seu lugar?

ENFRENTAR FANTASMAS

Eu poderia contar que morri
Mas, desistindo de consumir o ato
Não escrevi o motivo, de fato
Estando contra a parede
Manerei, recuei
Mas, hoje, preciso voltar
Ao local da cena
Da última batalha que lutei

O JONGO DO PALÍNDROMO AO COCO COA

Ao coco coa

Se apertar sai um cordel

Meu repente não perdoa

Hoje faço um escarcéu

Traço uma loa

Pro meu tempo de bordel

A palha voa

Vento sopra pelo céu

Rema a canoa

Atacado e granel

Não ensaboa

Nem amassa meu chapéu

Que não destoa

Separe o doce do fel

Batuque entoa

Quebradas do Mundaréu

A gente zoa

Porque tá muito pinel

Barro queimado coa

Pingando de déu em déu

Pamonha boa

Cheira a conhaque e mel

ORAÇÃO PRA TIRAR DE TEMPO

(Louvando Bezerra da Silva)

Baculejo no buteco

Isso é um mal sinal

Enquadrando todo mundo

Esculacho é geral

Vamos puxar uma reza

O tambor no contratempo

Malandragem que se preza

Sabe quando dar um tempo

Essa fita já foi dada

Tem uma pá de intrujão

Aqui ninguém dá 2 em nada

Vou te ensinar uma oração

Pra quebranto, mau olhado

Dor nos quartos e proteção

O que te deixa amargurado

Sou Pái Veio eu te curo

Garrafada de agrião

Tira o que for do munturo

Terá carro, namorada

Assegure seu futuro
Só não salva tua vida
Se tu for um dedo-duro
Porque aí suja de vez
O nome do peixe é pinote, vaza vacilão
Nem cá fora na Favela nem lá dentro no xadrez
Cagueta tem perdão

CERTEZA DE ESTAR CERTO

Estou muito certo
Do que vou dizer
De peito aberto
Que é pra você saber
A imensidão desse amor
Nunca para de crescer
Inspiração te contemplar
Toda hora e toda vez
Escute esse meu cantar
Vá disculpano a timidez
É pra demonstrar
Seu poeta quem lhe fez
Mire meu olhar
Procuro palavras pra te definir
Esgoto o dicionário
Tentando conseguir
Boca pra provar
Língua a te sentir
Na hora perco a hora
Jamais quis eu partir

Que nunca que termine
O nosso existir
Não haveria porquê
A gente não tá perto
Enamorado por você
Certeza de estar certo
Vivendo essa paixão
Que continue desse jeito
É o que diz meu coração
Batendo aqui peito

BAIÃO DA PROXIMIDADE (Juntim de Mim, Pertim de Mim)

Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Chega mais perto, neguinha
Eu na tua, tu na minha
Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Eu não sabia que seria
Tão bom assim

Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Eu na tua, tu na minha
Sempre por perto, neguinha
Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Pra sempre seja assim
No que depender de mim

Ante a fartura, grãozinho
Na profundeza, rasiño
Sob o sol quente, o espinho
Frente à fera, mansinho
Na caminhado, o caminho
Na descansada, sozinho
Na solidão, um carinho
Na revoada, o ninho

Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Eu na tua, tu na minha
Chega mais perto, neguinha
Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Eu não sabia que seria
Tão bom assim

Juntim de mim, pertim de mim
Juntim de mim, pertim de mim
Sempre por perto, neguinha
Eu na tua, tu na minha

Juntim de mim, pertim de mim

Juntim de mim, pertim de mim

Pra sempre seja assim

No que depender de mim

RAP PÉ DE SELVA

Ô mundo cão, Jão
O mundo é cão. Jão
Não dá mancada, não
O sistema não perdoa
Fica ligado, fica de boa
Vacilou, se perde atoa
Se perde não, Jão
Que o mundo é cão, Jão
O mundo é cão, Jão
Isquece não

Na Quebrada tudo tenso
Filma o movimento
Digo o que penso
É cruel e violento
Comum se torna o senso
Normaliza o sofrimento
Abismo imenso
A toda hora e momento
O perigo é extenso
Não vale o argumento

Ô mundo cão, Jão
O mundo é cão. Jão
Não dá mancada, não
O sistema não perdoa
Fica ligado, fica de boa
Vacilou, se perde atoa
Se perde não, Jão
Que o mundo é cão, Jão
O mundo é cão, Jão
Isquece não

AUDITÓRIO

Você que mora
No Pepino de Brotas
Diga, repita, não às drogas
E aos mercados
São muitos recados
Pra você, meu velho
“arrependei-vos e aceita o evangelho”.
Para! Pare de frequentar
As biqueiras do Engenho Velho.
Diga não às drogas
No Engenho Velho
De Brotas
Às drogas, diga não
No Engenho Velho da Federação
Tá lá no alto
Na torre da televisão.

FAZ FAVOR FERDINANDA

Faz favor Ferdinanda
Faisca, felina, faceira
Filé com farofa
Feijão, frango, fritas
Ficando fiado
Fico freguês
Assim dou o cano
Então tu me paga
Aquele disfeita
Que você me fez

Naquele dia
Local combinado
Na hora marcada
Fiquei esperando
Não apareceu
Foi insensatez
Nem disse o porquê
Mas pode remarcar
Que posso esperar
Mais uma vez

FILOSOFIA DA MARRETA

Seu \$ilvano

Faça o favor

Me forneça uns mantimentos fiado

Pago, não sei o dia

Ando endividado

Chorano e fazeno poesia

Tô passano apurado

E a sua Mercearia

É onde posso ser saciado

Não me negue isso

Passei o dia batendo marreta

Mas não terminei o serviço

Não pude receber

Uma parte vai ter que cavar

Purisso, eu queria saber

Falta fazer uma valeta

E, se o amigo pudesse fornecer

Uma pá, uma enxada e a picareta

Terminano, venho trazer

Vou usar na empreita

Pois num tem lá na obra
Pago sua caderneta
Com o dinheiro que sobra
Se precisar, depois peço mais
Se esse fim de semana acabar
Me confie um botijão de gás

COSSA DE COICE

Eis que por fora tá boa a viola
Se acha bateno uma grande bola
Por dentro é excremento
Um pão bolorento
Desandou a massa
Apodreceu o fermento
Tá cheio de sarnas
Um cão lazarento
Não se faça de tonto
Que eu num tô disatento
Nessa remandiola
Eu te arrebento
Eu vou passar, saia do caminho
A minha trincheira é de quiabento
Num pague de brabo, te deixo mansinho
A cossa é de coice tal qual um jumento

Repente valente
Tambor, tamborete
A cossa é de coice
Palavra é porrete
Versos que cortam mais de que foice
Armado com eles ninguém me faz mal
Minha caneta é faça, peixeira
Afiado punhal

OS ARAÚJOS

Araripina

Seu João vêi de Araripina

Era lavrador, mas correu da ditadura

Pra ser eletricista em Jacobina

Das ligas ele se punha a falar

Reforma agrária sempre a incentivar

Povo organizando

Armado, ligeiro

Ocupar o chão

Botar pra correr tubarão, fazendeiro

O boi num aguenta

Se deitar em cima de um formigueiro

A terra cercada sem utilidade

Arame farpado todo esticado

Corta de facão

Ou a torquesa faz de pedaço

Um ôi de vigia

Outro no roçado

Ninguém passa fone

Onde se cria o gado

A maior função da terra
É pra fazer
O povo alimentado
Cabra retado
Ativo militante
Mesmo na ditadura
Não foi hesitante
O povo do Cais apoiou no instante
E Dona Izabel
Sua companheira, minha professora de religião
Embora eu não frequentasse a sua aula
Me dava presença e me aprovava na avaliação
Também militante, com a minha mãe
Brasil afora
Em defesa da educação.

NO BAR DE VADO

O nome da bicha é quebra facão
A casca que vai pra cachaça
Que foi fermentada na infusão
O xarope forte é diluído
Pra ser servido no pé do balcão
Peço uma dose, tomo de gole
De 10 indiante, eu fico doidão.

Tô na Lagoinha, no Bar de Vado
Bebo sem dinheiro
E num fica fiado
Fui na Lagoinha, no Bar de Vado
Tomei cachaça, voltei lombrado

Uma dandà, outra carqueja
Valeu coligado, pela gentileza
Mas tá dispensada a sua cerveja
Afasto de mim, esse cálice de vinho
3 Jatobás, mais 2 Milomes
Zui num tá mais, inda tem Luizinho
Escutano Carlito Gomes.

Tô na Lagoinha, no Bar de Vado

Bebo sem dinheiro

E num fica fiado

Fui na Lagoinha, no Bar de Vado

Tomei cachaça, voltei lombrado

GUIZO DE FEDEGOZO

Ao comando do xaxará
Inicia o som da viola
Zabumba começa a marcar
Compasso da remandiola
Pra acompanhar o ganzá
Triângulo bate nervoso
Pro groove ficar mais gostoso
Vou no mato buscar
Fazer um guizo e amarrar
Chuí de fedegoso.

Chiar do sizeiro no meio do tempo
Sinal de aviso
Chacoalha o chocalho
Zuada do guizo balança no vento
Que sopra o arbusto tocando as bagens depois do orvalho

Se voismicê tiver na vereda
Não vá desatento, perceba a zuada
Corte caminho, é pirigoso
Que a cascavéi vai tá infezada
Um gafanhoto na roça de milho Esfrega as asas na revoada
Não saia correndo, meu filho
Que não existe perigo de nada

COCO DE MARTELO

Cantadô, ô divagar
Seja humilde, não se assanhe
Vai tirar coco comigo
Duvido que você ganhe
Venha na sua soberba
Farei com que apanhe
Lhe corto em coco de martelo
Sem deixar que me arranhe
Num venha afobado
Chegue divagazim
Cantadô que se achá invencive
Pode se chegar a mim
Ei de dá-lhe uma cossa
Pra sair todo tortim
Enquanto ninguém desbancar
Cantarei meu coco assim

Meu coco é firme, meu coco é forte
Num tem, nunca teve, medo de nada
É prego batido, é madeira lascada
É aço rompendo, é ponta virada
Rasgando pra dentro, broca temperada
Cantadô segure a rima, sinte a potência dessa martelada

18 CANGAIAS

Dúzia e meia de cangaia
36 cabeçotes tem
Onde anda ela agora
Só promete e não vem?
É triste a dor da espera
Aguardando por alguém
A gente sofre de dia
Chora de noite também
Revira na cama aflito
Caçando o que não tem
Dormir sozinho é fogo
Pior acordar sem ninguém
Vou partir em sua busca
É o que me convém
O difícil é a passagem
No meu bolso nenhum vintém
Tô devendo na farmácia
Não paguei o armazém
O jeito é ir de carona
Ou pongueando no trem

Pois sei se eu não for
Tampouco ela não vem
Se não teve avemaria
Não espere o amém
Prometer de tudo a ela
Ser a única do harém
A dona do meu tudo
Darei todo meu bem
Dúzia e meia de cangaia
36 cabeçotes tem
Onde anda ela agora
Só promete e não vem?

NO CHÃO BATIDO DAQUELA COZINHA

Não terminei

Digo que tô no começo

Aquilo que não tem preço

Para mim é de valor

Do meu amor

Sei nome, sei endereço

Dela jamais esqueço

Dei deitava nua

Numa esteira de tabua

Forrada com edredon (edredon)

No chão batido daquela cozinha

Eu deitava com minha neguinha

Sexo era bom, muito bom.

Ali mesmo a gente dormia

Acordava de madrugada

E outra vez repetia

Vem cá minha neguinha
Uma chupada no seu neguinho
Te amar é muito bom
Vamos fazer de novo
Mas vamos gemer bem baixinho
Pra não acordar o povo

COCO DO EJA

(Educando Jovens e Adultos)

A vi ao pé do balcão
Tomando 1 cerveja
Eu, logo cheguei chamei Geneci
Pedi uma cachaça, uma dose de Carqueja
Pinga que só brabo bebe
De vez, não deixa sobeja
Apontei uma passarinha
Dentro da estufa, numa bandeja
Como dizia Bira
Depende, conforme seja
Ela logo me disse
Que detesta a onda breganeja
Lembrei daquele sonho
A perna chega moleja
Me diga, me ouça, me olhe, me veja
Por você topo o perigo
Por mais brabo que isso seja
Só venho nesse risca faca
Esperando que você esteja

SAMBA DO ALICATE

Essa ferramenta

Simboliza minha forma de ganhar pão, ô meu ganha pão

Sou um artista

Pinto e bordo com o alicate na mão

Especialista

Em qualquer tipo de instalação

Eletricista

Correndo trecho nessa vida de pião.

NUM TE QUERO MAIS

Num te quero mais

Num te quero mais

Mermo que vorte chorando

Num te quero mais

A neguinha foi embora

E agora?

Que é que faz

Pra fazer amor na cama

Dividir o Botijão de gás?

Sua ausência é sentida

A cachaça tá demais

Mas mesmo que vorte chorando

Eu num quero mais

Num te quero mais

Num te quero mais

Mermo que vorte chorando

Eu não quero mais

O chefe mandou embora
Me deixou endividado
Mas o novo empregado
O serviço não satisfaz
O patrão é um safado
Um capeta, o satanás
Mesmo que peça pagando
Eu não vorto mais

Num te quero mais
Num te quero mais
Mermo que peça pagando
Eu num quero mais

Falso amigo foi embora
Era um dissimulado
Eu sincero, ele sagaz
Mas na sua nova turma
Já não lhe cabe mais
Se vim arreberano
Peço que me deixe em paz

Num te quero mais
Num te quero mais
Se vim arreberano
Peço que me deixar em paz
Num te quero mais
Num te quero mais
Mermo que vorte chorano
Num te quero mais
Mermo que peça pagano
Num te quero mais
Se chegar arreberano
Peço que me deixe m paz
Num te quero mais
Num te quero mais...

BICO DOCE

Os lábios dela são como néctar
Da mais pura e bela flor
Menina do bico doce
Já provei sou sabedor
Lavadeira, curió
Passarim beliscador
Vivo em busca do seu mel
Jaçanã ou beija flor
Eis que sou uma abelha
Dando voltas sem parar
Procurando o melhor pouso
Para minha flor provar

BELEZA MANO VEGANO

O cabra nascido em Catolé do Rocha

Hoje, se vê uma buchada de bode

Faz beicinho e brocha

O apetite se encerra

Rifuna, pois não pode

Se for uma galinha

Terra?

Vai contra sua fé

Embrulha o bucho

E berra

E, caso seja uma saqué?

Béeee

A refeição se encerra.

UM BREGA INACABADO

Seria tão diferente
Se eu fosse um Elino Julião
Saberia dizer diretamente
Ao seu coração timentim por timentim
E faria uma canção
Pra você gostar de mim

Essa música eu cantaria
E nela te diria
Se essa voz fosse de um Hélio Portinhal
Até que eu riscaria
Se eu não cantasse mal
E ela sempre foge
Não espera o final

MEU TIME, MINHA QUEBRADA

Vamos Caveira, vamos Caveira

A vida é osso

E não somos brincadeira

Vamos Caveira, vamos Caveira

Somos Quebrada

E não vamos dar bobeira

Onde eu moro é barraco

Vivo na minha Quebrada

Bebo cachaça de dia

Trabalho de madrugada

O trampo é cativo

Jornada de condenado

Corpo só anda quebrado

Nunca me sobra dinheiro

Manutenção predial, minha filha

Em obra corporativa

Um back de meia noite

A mente sempre ativa

Vamos Caveira, vamos Caveira
A vida é osso
E não somos brincadeira
Vamos Caveira, vamos Caveira
Somos Quebrada
E não vamos dar bobeira

Voltar no primeiro trem
E baldear pro Metrô
As mãos cheias de calo
Os pés moendo de dor
Domingo no Caveirinha
Ver o meu time jogar
Chego logo cedinho
Pra assumir meu lugar
No banco do fumacê
Bahia é Nego Véio
Outro firmeza é o Gê
Meu violeiro é o Guina
O professor é Nenê
Vamos Caveira, vamos Caveira
A vida é osso

E não somos brincadeira
Vamos Caveira, vamos Caveira
Somos Quebrada
E não vamos dar bobeira

CIRANDA DOS MACONHEIROS

Na roda dos maconheiros
Fazendo ciranda, ciranda
Enrola a seda
Acende e manda, acende e manda
Na roda dos maconheiros
Se vier uzómi
Entoca a paranga
Debaixo do pé de manga
E aproveita a sombra, aproveita a sombra
Na fissura da lezeira
Todo mundo de bobeira
E curtindo a lombra, curtindo a lombra
Na roda dos maconheiros
Só moleque Zica, moleque Zica
Batendo a maior fome
E matando a larica, matando a larica
Na roda dos maconheiros
Só mina decente, mina decente
Esbanjando charme
E erva na mente, erva na mente

Na roda dos maconheiros
Só bagúi do bom, bagúi do bom
A galera faz batuque
E vai tirando um som, tirando um som
Na roda dos maconheiros
Só bagúi do bom, bagúi do bom
A malucada canta
E vai fazendo um som, vai
fazendo um som

O TREM DA GROTA EMBORCOU

O trem da grotta
Saiu de Bonfim atrasado
E quando chegou no Caén
O tempo tava fechado
O maquinista
Estava preocupado
Inquiriu ao agente
Se num era arriscado
Diante de tanta chuva
Seguir o itinerário
Recebeu como resposta:
– Cumpra seu horário!
Não quero que me incomodem
Pode ser que em Jacobina
Vois micê receba outra ordem.

Pedindo nas orações
pela providência divina
Foi sem muito entrevero
Que chegaro in Jacobina

Onde o tempo tava bom
Alegrou o conferente:
Se o tempo ficar decente
Almoço em Miguel Calmon!
E tenho grande esperança
De lá pra 4 horas
Tá descansando no França
Mas o plano deu errado
A estrada virou lambança
Nem um palmo se enxergava
O povo muito assustado
Por todo santo chamava

A chuva ia caindo
A composição tentando seguir
Vendo a estrada sumir
O freio se indo embora
Não se fazia sentir
E o pior daquela hora
Era uma Serra a subir
O fumaça tombou de lado
Os vagões foram caindo

Tudo descarrilhado
Aumentando aquele drama
Ficando a composição
Enterrada na lama
A caldeira esfriou
Apagou-se sua chama

Era só choro e mágoa
Sem saber onde estava
Estando nos Olhos D'água
Quem tava são ajudava
Os que não podiam levantar
Era hora de agradecer
Nunca de lamentar
O trem de certo virara
Mas estavam vivos pra contar
Eram 7 anos de seca
Que tava se veno encerrar
Não tem dinheiro que pague
Ver a terra encharcar
O trem era feito de ferro
Na lama não ia amassar.

NA GINGA DE ABDIAS

(Arreceba!)

Toc, toc, toc

Toc, toc, toc, toc

Toque Seu Abdias

Seu fole de 8 Baixos

Alegra nossos dias

Toc, toc, toc,

Toc, toc, toc, toc

Toque seu Abdias

Teu fole de 8 Baixos

Alegra nossos dias

(Arreceba!)

Na Borborema tem samba

Batido na pé de bode

Quem não tem cão e nem tem gato

Caça do jeito que pode

No Caribe tem merengue

Botão fica variado

Tocador disimbesta

Swinga o tarrabufado

Toc, toc, toc

Toc, toc, toc, toc

Toque seu Abdias

Teu fole de 8 Baixos

Alegra nossos dias

(Arreceba!)

Jacobina, Caén, Saúde

Pindobaçu, Itinga, Campo Formoso

Quando chegar em Bonfim

O forró fica mais gostoso

Toc, toc, toc

Toc, toc, toc, toc

Toque seu Abdias

Teu fole de 8 BAIXOS

Alegra nossos dias.

CANÇÃO DA SAUDADE

A gente poderia ter se dado bem
Entre nós não haveria mais ninguém
Você estando aqui perto
Essa noite não seria um deserto
Jamais estaríamos sós.
Sem a imensidão desse oceano entre nós
Aconteceu de verdade
Você é minha maior necessidade
Pra combater essa dor covarde
Que me deixa triste agora
Ver você morando fora
Distante do coração
E toda vez
Que tocar essa canção
Saiba que eu esqueço não
Todo bem que tu me fez.

Sempre que estiver triste
Onde quer que você for
Lembre que existe
O meu amor, meu amor
Versos feitos pra dizer
O prazer sentido
Nunca será esquecido
O sincero sentimento
Intenso a cada momento

No meu peito para sempre vai viver
Na certeza nunca mais vou esquecer
Mesmo a gente separado
Continuo por você apaixonado
Nesses versos eu declamo
Reafirmo que te amo.
Te amo, te amo.

Lá ra ra iê
Lá ra ra iê
Se por acaso você me escutar
Saiba que não deixei de te gostar
Lá ra ra iê
Lá ra ra iê
A alegria da minha vida
É você
Só você...

PERDEU MALANDRO

Chegou tarde meu rapaz
Não encoste, se afaste
Nos deixe em paz
Ela te disse que nunca mais
Nem vai ser agora e nem depois
Vacilou, coitadinho, perdeu a mulher
Devia estar vendo, ela não lhe quer
E um arrependido é o que sois
A garota está de partner comigo
Se a espera vai ficar de castigo
Porque dela eu não vou me afastar
Ela já disse, não quer nada contigo
Pra início de papo eu lhe digo
vamos a noite inteira dançar.
Uma mina assim de presença
Na minha semana já fez diferença
Nosso amor agora é a crença
Besta foi tu de a desprezar

Amanhã ela acordará sorridente e feliz
Tomando o café que com amor eu lhe fiz
E fora as promessas que eu lhe fiz
Reconheça, saia do recinto
Pelo seu choro, eu juro, eu sinto
Seja altivo reconheça o perder
Aproveite o que a vida lhe ensina
Já tá tudo certo
A gente se ama, também se combina
Vai ser só dengo e chamego
Ela dizendo que sou o seu nego
Num love que nunca termina
De hoje em diante, do meu coração
Ela será a bailarina
E tudo farei pra não vê-la sofrer.

NAS QUEBRADAS DO AMOR

Foi um sonho, se não era foi o que pareceu

Fui te buscar e na escada apareceu

Chegava linda, tava na minha Quebrada

Uma saudade sinto daquela madrugada

Simplemente foi somente para visitar

Fazendo meus olhos fixarem teu olhar

Sua ausência me faz enorme diferença

Tudo eu daria para ter a sua presença

Pego o dichavador pra mais um apertar

Dai-me outra chance sei que vou me declarar

Outra cerveja, vamos completar os copos

Entre abraços o calor dos nossos corpos

Te falarei do bem querer que me domina

Que bom seria que você fosse minha mina

Por mais que fujas e que tente encontrar

Nesse planeta não haverá outro lugar

Onde exista um amor assim tamanho

E por mais que te possa parecer estranho

Caso quiseres ser a minha namorada

Te ofereço todo amor

Dessa Quebrada

SIRIMBÓ DA QUEDA

Meu Tingulinho

Subiu em cima do telhado

Sirimbou, sambou, caiu

Sirimbou, sambou, caiu

Meu Tingulinho

Tava em cima do telhado

Sirimbou, sambou caiu

Telha partiu, Tingulinho ruiu

De SAMU pra UPA

Foi liberado, tá em casa, já saiu.

Foi liberado, tá em casa, já saiu.

Telha partiu, Tingulinho ruiu

De SAMU pra UPA

Foi liberado, tá em casa, já saiu.

Foi liberado, tá em casa, já saiu.

Ficou tudo bom

Ficou tudo bem

Foi um susto e só

Foi um susto só

Olha ele no terreiro

Requebrando o sirimbó

Meu Tingulinho

TACITURNO

Acordei taciturno
Nem queria te falar
Ontem à noite aconteceu
Nem sei como explicar
No sonho estava arrependido
Te pedia pra voltar

Balançar dos teus cabelos
Vento sopra com prazer
Puxo um trago do cigarro
Procurando esquecer
Vira e mexe na lembrança
Precisamos nos rever

MORTE POR MORTE VINGADA

Muitos assuntos eu poderia
Nessa glosa contar
Me alembrei de um caso
Vou na memória puxar
No meio da vaquejada
No França deu de se dar
A praça da feira lotada
Ninguém podia passar
Dois tiros de escopeta
Fez Josenildo deitar

Caiu sem vida no chão
Foi morte de empreitada
Tanto gostava de rixa
Que teve a vida ceifada.
Passada, seu pistoleiro
De estratégia pensada
Passou a mão no seu rifle
E de arma engatilhada
Pulou em cima do berobo

Iniciou a caçada
Quem derrubou seu patrão
Teria a conta acertada
Uns 50 metros distantes
Jagunço em retirada
De pé em cima dos estrivos
Nuca da presa mirada
Único tiro certo
Morte por morte vingada.

A CABOCA E O PEIXE

Piramutaba, pira. Piramutaba é o nome do peixe
Pescado e trazido lá do Pará
Que hoje na feira eu fui buscar
Andei por todo o mercado
Só que você não estava lá
Bateu a saudade, me deixou só
Pra Ananindeua resolveu voltar
Porque na Bahia não viu carimbó
Não toca Vieira, não toca Solano
Não se escuta Pínduca e nem Cupijó

Aí eu vi o peso
Do nós dois se acabar
Não apareceu pro almoço
Sei que não vem pr'eu jantar
Não dorme mais comigo
Não consigo sonhar
Nem bem começou
N'era hora de terminar
Ela não vindo

Sei que perdi
Pra Verequete e Mestre Lucindo

Piramutaba, pira. Piramutaba é o nome do peixe
Pescado e trazido lá do Pará
Que hoje na feira eu fui buscar
Andei por todo o mercado
Só que você não estava lá
Bateu a saudade, me deixou só
Pra Ananindeua resolveu voltar
Porque na Bahia não viu carimbó
Não toca Vieira, não toca Solano
Não se escuta Pinduca e nem Cupijó

NÃO POSSO VIVER DE ARTE

É por isso que eu não vivo de arte
Meu escrevinhar não faz parte
Posso fazer minha obra
Com o meu tempo que sobra
O boleto me cobra
Me viro pião de obra
Do salário não sobra
A sociedade me cobra
O meu som não faz parte
Não posso viver de arte
Não registrei minha obra
Vivo comendo o que sobra
Meu sonho não se dobra
Tento fazer minha parte
Dizem que vivo em Marte
Não vendo a minha arte
No show não tomo parte
Sou um pião de obra
Sem cachê sou quem sobra
Por tudo que o mundo cobra

Tudo veneno de cobra
Posso juntar o que sobra
Reconstruir minha obra

SOBRE O AUTOR

Nasci em 1970 em Jacobina, interior do norte baiano, inriba d'um lajedo imprensado in ôto. A leitura me foi fomentada pelas publicações que meu pai, um quartasseriano muito inteligente, sempre teve em casa, além de mainha ser professora de alfabetização que primeiro ensinava a ler para depois apresentar a escrita.

Menino pobre que vendeu das mais diversas mercadorias pelas feiras e, nas férias escolares, acompanhava meu pai pelos trechos do sertão baiano foi que conheci a cantoria e o coco, a chula e o batuque de Mestres, Menestréis, Cirandeiros e cachaceiros e me encantei pela cultura popular do sertão nordestino.

A poesia e as rimas apareceram em minha vida nem lembro como; quando me dei conta, nos momentos de solidão, enquanto carregava água e sonhava um dia ser cantador, viver de fazer versos, de juntar de palavras que nem fazia os povo que era artista.

Não me tornei artista, nunca me senti como tal, viver, para mim, é que sempre foi a grande arte.

Já fui gráfico, encanador, carpinteiro, porteiro, mecânico de freios, eletricista, Sem Terra, Professor, dentre outras ocupações para sobreviver. Tenho dois filhos: André Lucas (11) e Mighel Engels (8). Formei-me em Tecnologia de Fabricação Mecânica no PR e, atualmente, de volta a Bahia, trampo de eletricista autônomo para pagar as contas.

Sotaque na Rima – Melodia das Quebradas é um passeio que faço dessa raiz, dialogando com a multiplicidade cultural que essa vida de pião mambembe me trouxe de bagagem.

DO AUTOR

Prosiado - Anotações de Um Operário Mambembe (2018)

Berano o Tombador (2019)

Intifadas Literárias (2020)

Prosiado - Prosa e Poesia

<http://prosiado.blogspot.com/>

Mecânica de fabricação: conceitos, elementos e processos.

<http://mecanicafabricar.blogspot.com/>